

06-01-2021

## Os olhos do rádio (I)

Leila Uruhay Grienz

[Psicóloga Social. Radialista]

A imagem de um copo d'água será sempre a imagem de um copo d'água. Pode variar seu tamanho, o material de que é feito, a quantidade de água e muitas outras variações de forma, mas copo d'água será. A imagem da forma ou a forma da imagem pouco variará no imaginário das pessoas. Perguntados sobre o que é uma imagem concreta qualquer, como, por exemplo, um copo d'água, os enxergantes responderão: “trata-se de um copo d'água”.

A imagem sobrepuja o seu significado e não lhe requer o aprofundamento de *o que significa?*

No rádio, sem ser possível ver as imagens, elas são imaginadas, como aliás as próprias palavras expressam. Imagem é uma coisa para imaginar. Para as pessoas que enxergam, um copo d'água numa transmissão radiofônica é uma imagem consolidada que se basta em si mesma.

Mas, se perguntados sobre *o que significa* aquele copo d'água, não haverá em todo o planeta resposta igual.

A mesma imagem tem significados muito distintos.

A singularidade das pessoas se transfere à imagem enxergada. É quando entra em ação a imaginação e seu verbo imaginar sobre a imagem. Mas para isso, as pessoas que enxergam terão que destituir a supremacia da imagem em si mesma e ressignificarem a imagem. Já, para os cegos, o rádio é uma fábrica inesgotável de imagens, cujos significados dispensam a pergunta *o que significa*.

As imagens que o cego cria com a voz do rádio são o seu próprio significado. O significado da imagem é a própria imagem. A pergunta *o que significa* não se aplica.

A composição da imagem a partir dos sons que vêm do rádio é uma sinfonia de significados para os cegos.

Cada som, cada voz, cada palavra é parte de um quadro imaginário em que o silêncio igualmente habita.

O som ausente no rádio é parte da trama imagética que o cego constrói com seu significado singular.

Para os cegos, um copo d'água no rádio pode trazer no contexto dos sons e dos silêncios da imagem toda a complexidade da vida - da sede à fartura, do sofrimento à opressão, da riqueza à miséria - tudo em torno de um copo d'água. Desde que haja sempre acesso ao milagre da narrativa do mundo. A narrativa do mundo é privilégio de todos - cegos ou não -. É como nos adverte Alisson Azevedo - meu novo amigo “enxergante de sonhos” lá de Goiânia - a pessoa que me acompanhou neste texto: *“Para mim, enquanto cego de nascença, quando uma imagem se me afigurava pela primeira vez, ela não vinha como metafísica - vinha como imagem -. E o rádio foi, ao menos para mim, o primeiro veículo dessa imagem. ... no princípio era o rádio. E o verbo pelo rádio. E a imagem pelo rádio. Simples assim.”*

Ao contrário do silêncio no rádio, a imagem ausente na televisão é a interrupção da transmissão, a TV que enguiçou, a falta de energia ... “perdoem-nos pelos nossos problemas técnicos...”. A imagem construída a partir do som do rádio considera o silêncio na sua própria construção. Para uma imagem que vem do som já com o seu significado imagético, os silêncios fazem parte do significado da imagem. Talvez essa seja uma das diferenças entre o cego e o enxergante na construção da imagem a partir da voz do rádio. Em épocas ricas de conteúdo simbólico, como o Natal, o Réveillon, o Carnaval, a televisão gera uma avalanche de imagens que praticamente impede a pergunta *o que significa?* Não há tempo de processá-las. Será que é por isso que dizem que a TV emburrece? A elaboração de significados depende de um tempo de processamento. Essa pode ser uma das razões pelo que também se diz, no senso comum, que pessoas cegas têm uma “sensibilidade”, uma “intuição”, um olhar além dos que enxergam... Mas é mais do que isso. No rádio, cegos e enxergantes são iguais. Não há deficiência em ambos.

Todos “enxergam” o copo d'água. A sutil diferença é que para o cego o significado do copo d'água vem com a imagem. O enxergante precisa construir o seu significado. Coisa que nem sempre é habitual quando não se lhe pergunta *o que significa?* O mesmo não se pode dizer de surdos e ouvintes frente à TV. Eles são diferentes. Assim como ao cego é dado criar o significado da imagem pela voz, ao surdo deveria ser facultada a criação de um som imaginário pela imagem. O som imaginário é uma construção do processo educativo do surdo. É preciso criá-lo. Ainda está para chegar, para além da linguagem brasileira de sinais, a construção de sons imaginários para os surdos. Principalmente para os surdos de nascença, em que a ausência do som seja capaz de ser a sua imagem imaginada. Mas isso talvez seja tema para diante.

Volto ao rádio e aos cegos. Os cegos têm graus de cegueira. Alguns nascem cegos - desafio para nós compreendermos como constroem suas imagens ao longo da vida -. É um dos mistérios da vida, para nós enxergantes, saber como se vê o mundo sem tê-lo visto como o vemos. Para os cegos de nascença, sua forma de ver o mundo é visível. Para nós é completamente invisível. Cegos somos pois também, neste caso. Para os cegos tardios as imagens estampadas na memória incitam ao exercício permanente de sua atualização de *o que significa?* Aos cegos tardios virá a imagem com seus significados anteriores ou ela é ressignificada? Trabalhando no rádio desde menina, e formada em psicologia, sempre tive muita curiosidade em compreender a linguagem do rádio direcionada aos cegos. Venho acompanhando recentemente esse debate com interesse. Em dissertação de mestrado de 2002 na mesma Universidade onde estudei há 20 e tantos anos, Elisângela Ribas Godoy desenvolveu o tema: **RÁDIO: O INFORMANTE DOS QUE NÃO ENXERGAM.** (Veja)

continua

Em seu trabalho, Elisângela traz três hipóteses:

- O rádio é uma das únicas formas para que os deficientes visuais obtenham as informações diárias.
- Além de um meio para informação, ele é um veículo considerado como um companheiro no dia a dia dos deficientes visuais.
- É possível que os radialistas sejam, para alguns cegos, os detentores do conhecimento e da informação e os formadores de opinião destes deficientes.

Não é habitual no rádio programas para cegos. Talvez porque essas iniciativas devessem ser dirigidas e irradiadas por eles. Ou talvez porque o rádio, já seja, em si, um veículo de comunicação com a acessibilidade inerente à sua própria origem. Continuarei com o tema junto ao Alisson ... companheiro de perguntas não respondidas sobre a inclusão e acessibilidade dos veículos de comunicação.

Para finalizar, Alisson nos traz Alberto Caetano...

Ouçã também na voz de Mário Viegas.....

O MEU OLHAR É NÍTIDO COMO UM GIRASSOL.  
TENHO O COSTUME DE ANDAR PELAS ESTRADAS  
OLHANDO PARA A DIREITA E PARA A ESQUERDA,  
E DE VEZ EM QUANDO OLHANDO PARA TRÁS...  
E O QUE VEJO A CADA MOMENTO  
É AQUILO QUE NUNCA ANTES EU TINHA VISTO,  
E EU SEI DAR POR ISSO MUITO BEM...  
SEI TER O PASMO ESSENCIAL  
QUE TEM UMA CRIANÇA SE, AO NASCER,  
REPARASSE QUE NASCERA DEVERAS...  
SINTO-ME NASCIDO A CADA MOMENTO  
PARA A ETERNA NOVIDADE DO MUNDO...  
CREIO NO MUNDO COMO NUM MALMEQUER,  
PORQUE O VEJO. MAS NÃO PENSO NELE  
PORQUE PENSAR É NÃO COMPREENDER...  
O MUNDO NÃO SE FEZ PARA PENSARMOS NELE  
(PENSAR É ESTAR DOENTE DOS OLHOS)  
MAS PARA OLHARMOS PARA ELE E ESTARMOS DE ACORDO...  
EU NÃO TENHO FILOSOFIA; TENHO SENTIDOS...  
SE FALO NA NATUREZA NÃO É PORQUE SAIBA O QUE ELA É, MAS PORQUE A  
AMO, E AMO-A POR ISSO PORQUE QUEM AMA NUNCA SABE O QUE AMA  
NEM SABE POR QUE AMA, NEM O QUE É AMAR...  
AMAR É A ETERNA INOCÊNCIA, E A ÚNICA INOCÊNCIA É NÃO PENSAR...

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*